



O Poder e Seus Símbolos no Interior do País

Power and Its Symbols in the Countryside

Thales Souza Reis¹

Como se constrói uma elite e como são definidos os papéis sociais exercidos por seus integrantes? Como as relações sociais se pautam através de lutas simbólicas e quais são os rituais imprescindíveis tanto no interior desta elite como na forma com que ela constrói sua imagem para ser vista de fora? São questões como essas que historiador André Azevedo da Fonseca trabalha na obra *A metrópole imaginária*, onde analisa as dinâmicas sociais e históricas de Uberaba, município no interior de Minas Gerais, que nos anos 1940 passava por um período de decadência econômica e social – um cenário diferente do que era relatado na imprensa local, onde a cidade era representada como um oásis de desenvolvimento do Triângulo Mineiro, ou como a “Capital do interior do Brasil” (Fonseca, 2020, p. 153).

Publicado em 2020 pela Editora UFPR, *A metrópole imaginária* é a terceira obra de Fonseca – doutor em História (Unesp) com pós-doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC/UFRRJ). Fonseca (2012) também é autor de *A construção do mito Mário Palmério*, Ed. Unesp e *Cotidianos culturais e outras histórias*, Ed. Uniube (Fonseca, 2004). O presente livro, fruto da tese de doutorado do autor, aborda essa sociedade idealizada por um grupo restrito de pessoas, que têm suas contradições analisadas por um autor atento tanto aos aspectos históricos do município como ao imaginário social, aos símbolos e às relações de poder.

A principal ferramenta para a construção de narrativas da elite uberabense foi o jornal local, chamado *Lavoura e Comércio*, que em suas colunas sociais construiu um cenário descolado da realidade, ignorando o estado precário em que se encontrava o município, com altas taxas de pobreza, analfabetismo e a falta de acesso a serviços básicos como água potável, energia elétrica e higiene pública. Os jornais mantinham uma narrativa de nobreza, valorizando os eventos restritos e os costumes cultivados pelas elites locais, enquanto a cidade convivia com altas taxas de desigualdade social.

O cenário de Uberaba pode ser expandido a outros municípios, especialmente no interior do Brasil, onde as elites são majoritariamente rurais e buscam no teatro social a legitimação dos espaços que ocupam. Nesse sentido, o livro analisa características comuns a um Brasil profundo e expõe situações fruto de uma sociedade que possui desigualdades sociais extremas.

¹ Mestrando em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

A obra inicia-se com o capítulo que contextualiza historicamente o desenvolvimento da região que viria a formar o município de Uberaba, que de próspero território no transcorrer do século XIX, perdeu força com a inauguração de novas rotas comerciais, como a expansão das estradas de ferro para o distrito de Uberabinha – hoje a cidade de Uberlândia – e Araguari. As mudanças na malha ferroviária tiraram de Uberaba o posto de terminal da estrada de ferro, relegando a cidade à dependência econômica e controle político dos proprietários de terras.

No segundo capítulo, denominado “O teatro social da consagração pública”, o autor explora o discurso que essa elite fabulou na imprensa local para a legitimação de suas posições sociais. Para isso, Fonseca utiliza-se da obra de autores como Balandier (1982) e seu conceito de teatrocracia, explicando que uma sociedade constrói uma representação de si, organiza e impõe crenças comuns, realiza a distribuição dos papéis sociais e delimita os comportamentos por meio de códigos de conduta (Fonseca, 2007).

As obras de Baczko (1985) e Goffman (1996) também são exploradas na análise da utilização da imprensa local pelas elites. Com isso, Fonseca identificou os mecanismos das redes de elogios circulares e dos processos de autoafirmação de uma elite que cultivava uma visão distorcida de si mesma ao se apresentar como “altamente instruída, avançada e altruísta, constituída por cidadãos exemplares, que possuíam todas as virtudes necessárias para a liderança” (Fonseca, 2020, p. 66).

O terceiro capítulo, intitulado “Etiqueta e Poder”, avança na análise sobre a sociedade e a mídia uberabense do período: explora como a etiqueta era utilizada como ferramenta de controle e distanciamento social entre classes naquela localidade, complementando a violência física com a violência simbólica. Ao mesmo tempo em que se apresentava como moderna e cosmopolita, essa sociedade promovia violências higienistas, fazendo com que a solução para problemas sociais passasse pelo expurgo de mendigos, crianças pobres e pessoas com hanseníase.

No último capítulo, “Cinderela e Cidadã”, o autor recupera os temas a partir de outra perspectiva e introduz uma situação que demonstra a permanência do imaginário daquela elite no decorrer do tempo: a abordagem da imprensa sobre a visita a Uberaba de Jussara de Souza Márquez, Miss Brasil à época. A celebridade foi adorada pela elite, que tratou o fato como um grande acontecimento, com desdobramentos sociais e políticos. Para aproveitar-se do status que adquiriu, Jussara tentou tornar-se vereadora, mas teve sua candidatura inviabilizada, indicando os limites que a objetificação de que era vítima impunha à sua própria cidadania.

O livro chega ao fim com um epílogo intitulado “A era da ilusão”, onde Fonseca, ao lado de Francisco Marcos Reis, aborda a Uberaba do século XXI e a decadência dos ideais cultivados pelas elites dos anos 1940 e pelo jornal *Lavoura e Comércio*, que já não existe.

A obra de André Fonseca vai muito além da análise de uma pequena cidade do

Triângulo Mineiro nos anos 1940 ao estudar os recursos que as elites sociais, políticas, ilustradas e agrárias lançavam mão para legitimar o seu poder. Ainda que os resultados não possam ser universalizados, o livro contribui para o campo da História Cultural ao oferecer uma interpretação particular sobre o papel do campo simbólico nas dinâmicas históricas no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (ed.). *Enciclopédia Einaudi: Anthropos/Homem*. Lisboa, PT: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. v. 5, p. 296-332.

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: UnB, 1982.

FONSECA, André Azevedo da. *A construção do mito Mário Palmério: um estudo sobre a ascensão social e política do autor de Vila dos Confins*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

FONSECA, André Azevedo da. A imaginação no poder: o teatro da política na encenação da legitimidade. *Contracampo*, Niterói, RJ, v. 1, n. 16, p. 167-182, jan. 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17453>. Acesso em: 7 set. 2023.

FONSECA, André Azevedo da. *A metrópole imaginária*. Curitiba: Editora da UFPR, 2020.

FONSECA, André Azevedo da. *Cotidianos culturais e outras histórias: a cidade sob novos olhares*. Uberaba: Editora Uniube, 2004.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.